

O veneno

Nuno Severiano Teixeira

Reis e presidentes sempre se fizeram acompanhar pelos seus provadores e nunca começavam uma refeição sem que eles a provassem primeiro. Porquê? Porque sabiam que o veneno sempre fora um método clássico de assassinato político. Parece hoje ter entrado em desuso. Mas não na Rússia, onde a história é longa, mas o veneno continua a matar. Agora de forma sofisticada e a envenenar não o poder, mas a oposição.

Em 1453, Dimitry Shemyaka, grão-duque de Moscovo, sentou-se para um lauto jantar. Seguiram-se 12 dias de agonia e a morte em sofrimento. O seu próprio cozinheiro tinha sido sobornado pelo seu maior rival e envenenado a refeição. A história não parou mais. A União Soviética operou laboratórios secretos onde desenvolveu sofisticados venenos que aplicou em dissidentes, prisioneiros do Gulag e espiões do KGB caídos em desgraça. E já na era pós-soviética, sobretudo desde que um ex-agente do KGB se tornou Presidente, dissidentes, jornalistas, espiões no exílio e opositores políticos têm demonstrado uma estranha tendência para morrer. Preferencialmente, envenenados. Desde que se oponham a Putin, claro. Nemstov, Litvinenko, Politkovskaya, Yushenko, Skripal e, agora, Navalny, são apenas os casos mais mediáticos. Mas quantos não saberemos?

A verdade é que a Rússia de Putin tem desenvolvido o seu arsenal químico e transformou o veneno na sua arma de eleição contra a dissidência política. Mas porquê Navalny? E porquê o veneno?

Navalny, porque representa um novo modelo de oposição política que desafia o regime. Navalny tem ideias novas e novas estratégias. Começou como o advogado que contestava as grandes companhias russas de energia e teve sucesso. O passo seguinte foi o discurso anticorrupção que estendeu dos interesses económicos ao partido de Putin, a que chamou “partido de bandidos e ladrões”. Conquistou notoriedade e apoios na sociedade russa. Finalmente, o salto para a política com a sua estratégia do “*smart vote*” que se revelou um sucesso nas eleições locais de 2019. Os vários candidatos da oposição escolheram entre si o melhor colocado para vencer o candidato do regime, o que derrotou um terço dos fiéis a Putin.

Mas Navalny representa mais do que isso. Representa uma nova geração na política russa que usa as redes sociais, mobiliza uma massa de voluntários jovens e tem demonstrado capacidade para federar descontentamentos, concitar preocupações populares e construir consensos entre as

diversas forças da oposição. Dá esperança e isso mobiliza. O que é cada vez mais intolerável, num regime cada vez mais autoritário.

E porquê o veneno? Porque oferece a Putin duas vantagens inegáveis. No plano internacional, porque a dúvida permite sempre a negação. Mesmo que o agente em causa seja russo, como é o caso do *novichok*, a ambiguidade do método dá sempre margem de manobra. Primeiro, alega que não há razão para inquirir e quando vem o inquirido internacional não o reconhece, pelo que pode sempre negar o seu envolvimento. No plano interno, porque deixa uma fortíssima mensagem aos candidatos a opositores: o medo de que possam ser o próximo. Os opositores estão sempre sob vigilância e são muitas vezes vítimas de assaltos, espancamentos e prisões. São vidas em sobressalto. Mas, pior do que isso, é o espectro do envenenamento que fica a pairar. A bala mata no momento. O veneno é agonia, sofrimento e morte lenta. É a tecnologia moderna ao serviço da crueldade primitiva.

Sob pressão directa de Angela Merkel, Putin autorizou a transferência de Navalny para um hospital alemão e as autoridades alemãs já confirmaram que se trata de envenenamento e que o agente químico é russo e exclusivamente russo. Como é obvio, a sociedade russa não pode responsabilizar o seu Governo pelos crimes cometidos. Mas a comunidade internacional pode. E, em particular, o mundo ocidental.

Pode reclamar um inquérito internacional, pode decretar sanções, pode expulsar diplomatas, isto é, pode ir muito para além da mera política declaratória. A NATO e a UE já reclamaram os tradicionais inquéritos. Não podem fazer muito mais. De Trump não há nada a esperar, mas a Alemanha sim, pode bloquear o novo gasoduto (Nord Stream 2), o que seria um sinal concreto. Ao envenenar opositores, Putin está, simbolicamente, a envenenar a democracia. Depois da Geórgia, da Ucrânia, da Crimeia, de Skripal ou Navalny, será preciso mais para perceber que este é um regime hostil? E vai o ocidente continuar a tratar Putin como um “líder normal”?

Professor catedrático e director do IPRI. Escreve quinzenalmente à quarta-feira



“Ao envenenar opositores, Putin está, simbolicamente, a envenenar a democracia”

Terá o “vírus chinês” chegado a Portugal?

Francisco George e Constantino Sakellarides

1. O Presidente do país mais poderoso do mundo refere-se ao novo coronavírus da pandemia covid-19 como o “vírus chinês”. Insiste nessa expressão com o propósito evidente de fazer crer que “a culpa é sempre deles, nunca nossa”. Ora, no momento em que, previsivelmente, chegamos à época do ano em que a situação pandémica poderá agravar-se em Portugal, surgem, aqui e ali, sinais preocupantes do “passa-culpas chinês” também alastrar entre nós.

2. Quando, há seis meses atrás, fomos “todos para casa”, só discordaram aqueles que pensavam que fomos tarde de mais. Rapidamente, percebemos que essa postura, radicalmente defensiva, julgada necessária, trazia consigo um pesado custo individual, familiar, social e económico. Não era sustentável – era preciso desconfinar. Nunca tínhamos desconfinado antes. Seria preciso aprender, errar e aprender de novo. Havia que relativizar. Isto é, temos de proteger as pessoas da doença pandémica e, ao mesmo tempo, abrir as escolas e a economia, proteger os mais novos e os mais velhos sem os remeter ao isolamento prolongado e à solidão, atender e tratar os doentes não-covid como antes. Para isto tudo não há uma fórmula preestabelecida. É necessário juntar múltiplas peças de distintos tipos de conhecimento, analisar interações negativas e positivas e exercer um juízo informado. Qualquer destas decisões implica riscos, naturalmente. É, portanto, necessário aprender a minimizar esses riscos.

3. Portugal decidiu fechar as escolas quando tínhamos cerca de 80 novos casos/dia e vai abri-las de novo quando teremos cerca 400. Porque é importante abrir as escolas – mas alguém tem de gerir os riscos associados a essa abertura. Fechámos as fronteiras com Espanha na primavera e mantemo-las abertas no verão, quando no país vizinho se observam cerca de 10 mil novos casos/dia. Regozijamo-nos com abertura do corredor turístico inglês, sabendo que acolhemos turistas de um país onde se observam 3 mil novos casos/dia. Porque o turismo é importante para a nossa economia – mas alguém terá de multiplicar-se para responder a mais este desafio. Proibimos festivais e iniciativas afins até finais de Setembro, mas a lei que o fez permite exceções de carácter político, religioso ou social. Porque é importante sermos flexíveis – mas alguém terá de gerir os riscos associados a esta permissividade.

4. A escola, o lar de idosos, o hospital e o



“Vale criticar tudo aquilo que não está bem e que pode ser melhorado. Mas construindo, não destruindo”



centro de saúde, o restaurante do turista e a festa não são estórias estanques de cronistas inspirados, mas realidades complexas que se interpenetram numa mesma comunidade. Os que têm como responsabilidade proteger a saúde dessas comunidades fá-lo-ão o melhor que podem. Não no mundo da fantasia-sem-contexto, mas no ambiente próprio da administração pública portuguesa de hoje, com as conhecidas dificuldades de recursos, de organização, de capacidade estratégica, de instrumentos de informação e comunicação e de dispositivos de integração entre organizações. Ou há outra forma de o fazer?

5. Vale criticar tudo aquilo que não está bem e que pode ser melhorado. Fazemo-lo também. Mas acrescentando, não destruindo. Construindo, não destruindo. Com propostas, apoios e contribuições concretas que ajudam a fazer melhor. Mas sem dar asas à ingratidão, ao juízo fácil e mal informado, ao apontar-o-dedo leviano, à desonestidade intelectual, à insensatez até ao insulto. Este vírus não é chinês. É, perigosamente, apenas de alguns de entre nós.

Os tempos que se aproximam serão tanto menos difíceis quanto mais informados, solidários, cooperativos e justos formos uns com os outros. Estamos certos disso.

Ex-directores-gerais da Saúde